

Senhor Presidente...

Senhores Desembargadores,

Senhor Procurador de Justiça

Senhor Presidente da Associação dos Magistrados do Piauí,

Senhor Presidente do Sindicato dos Servidores da Justiça,

Senhor Presidente do Sindicato dos Oficiais de Justiça,

Senhores Advogados,

Eminentes Magistrados,

Minhas Senhoras, Meus Senhores,

Diletos Assessores do meu Gabinete

Senhores Servidores desta Casa

Minha Família e Meus Familiares!

Que láureas terá um homem simples para integrar um grandioso Tribunal de notáveis? Que títulos precisará um pelejador da justiça para ombrear com homens e mulher que fazem de suas entregas diárias a fábrica de uma permanente luta de julgadores de bem? Como ser um bom juiz sem ser rude, ou implacável, buscando a melhor resposta à causa e contemplar o direito, a justiça lúcida e correta entre as partes? Como desvencilhar o julgador do sentimento de admiração ao ideal icônico para logo apresentar a resposta rápida da justiça, sabendo que deve buscar mais meios de atrair suas convicções e torná-las firmes através da linha reta da lei, do desvelo da causa pelos fatos, mesmo se, às vezes, a doutrina e a jurisprudência se

tornam radiosas e atraentes, mas tudo é tão somente para desvendar-lhe a resposta fria e inevitável que o caso lhe exige?

O julgador tosquia a própria vontade, nunca é artista, ama a verdade pela beleza da sinceridade que forma a harmonia das realidades e imediatamente põe-se a idear correlações que desaguarão em uma sentença inevitável. O juiz é um teórico que se torna prático, e dele se podem exigir resultados palpáveis, desde que antes possa medir, pesar, sopesar, excluir-se para não ser parcial, incluir-se para não ser desumano. O juiz é sonhador da lídima justiça, produz o imponderável consubstanciado em uma frase que nunca pode terminar em reticências, em um ritmo voraz e contundente que logo produz o som harmônico entre o mundo ideal e o plano real. Assim vejo a Justiça, mediando e enfrentando as desigualdades entre iguais.

Permito-me trazer rápida análise sobre a obra de maior fôlego da literatura social brasileira, e que se aproxima bastante do sentimento de justiça que almejamos todos. Falo dos relatos de *Euclides da Cunha*, o fabuloso autor de *Os Sertões*. Obra versátil e sempre atual, no livro da Terra demonstra vastíssimo conhecimento científico, contrastando com o livro do Homem, que mostra sua extraordinária sensibilidade na apreciação do viés sociológico, arte humanística, das populações sertanejas, para terminar com o livro da Luta, talvez a maior série de reportagens pujantes que o jornalismo brasileiro já produziu.

Euclides da Cunha é briosa exceção, e as exceções existem somente para confirmar as regras, nunca o contrário. Aqui, quero ser parte da regra dos bons julgadores desta Casa de Justiça, não pretendendo sequer a exceção do conhecimento vasto, que não ouse ter ou ser destacado, mas sempre os senhores Desembargadores terão em mim a resposta por uma justiça ágil e decente, atuando sem ver rostos conhecidos, sem ouvir clamores além dos autos, sem diagnósticos prévios que maculem a premissa de que a melhor justiça é aquela que não vê, não ouve, não fala, mas tudo diz através do processo.

Nem sempre é fácil admitir a necessidade de que seja reafirmada a justiça cega, aquela que não distingue ricos e pobres, mas os torna iguais quando buscam socorro da tutela jurisdicional. Também louvo a justiça

surda, que não ouve além dos autos, porque os clamores das ruas devem ser objeto de debates entre os homens que fazem as leis, no Legislativo, bem longe do Judiciário. Da mesma maneira, igualmente o silêncio é dourado (sem alusão mínima ao nobre Desembargador homônimo do chamado), porque o Julgador somente deve se manifestar nos autos, e os debates nas ruas não podem ultrapassar as questões acadêmicas ou debates genéricos sobre temas que, inclusive, não irá julgar, sob pena de parcialidade inaceitável. Mas esta é uma premissa, não a regra inviolável, como justifico, adiante, porque nunca poderá esta Corte maior da Justiça Estadual trilhar aquém das expectativas da sociedade que jurou defender, sob os auspícios da Lei e da ordem.

O juiz, estimados colegas, não pode ser um ente à parte, sem estreitos laços com a Casa que integra, de onde tira forças para se manter firme em seu ideal, e para a qual produz suas vastas (ou nem tão extensas) laudas, que são suas decisões. Juiz sem Casa é *Anteu* sem contato com a Terra, vítima fácil de algum *Hércules* de ocasião que busque deixá-lo levitando, absorto no ar.

Também o Tribunal não é mero local de cumprir o tempo e o serviço, de avançar em amenas conversas ou distração, mesmo após a longa jornada do dia de muitos despachos e audiências. É, isto sim, Casa de muito trabalho e de constante aprendizado e aperfeiçoamento. Não posso conceber um Tribunal onde as correntes de estilo, de pensamento e de conteúdo se digladiem, mesmo sem se ferirem, onde o constante vir-a-ser da sociedade e da vida não seja objeto de profunda reflexão e debates, buscando soluções que possam ser ofertadas ao Estado Juiz, com fundamentos jurídicos sóbrios, próprios, propícios, hígidos e vinculados intimamente entre si.

A justiça sem amor pela justiça não tem mais lugar em um mundo que se debate em crises de todos os gêneros e espécies. E muitas vezes parece que nosso mundo não aprendeu a lição, antiga ou recente. Ainda que sob a aparência de um sonho, uma solução viável e moderna deve ser proposta – e se tornar fato, real. Afinal, muitos sonhos tornam-se realidade - e Deus nos livre dessas premissas se não fosse assim. Portanto, aqui

venho, também por isso, em busca de um sonho, que, sei, podemos juntos construir, e fazer acontecer.

Assim, venho a esta Casa de mãos e alforje vazios de ideias preconcebidas, confiado apenas em que persista a seriedade, humanidade, honestidade e lealdade que até aqui me trouxeram, e me comprometo em retribuir com o meu labor, a partir de agora, quando, com mais vagar, posso levantar um pouco esse mágico manto da justiça que, entreaberto, procura sugerir sem nunca mostrar, o segredo da luz que espelha a realidade, contradição apenas aparente, posto que existe para ser justo, sem perder a candura e muito menos a energia e o respeito.

A história nos julgará, até mais que uma frase, é um lugar comum, desde a perspectiva longa dos tempos. Nada melhor, para deturpar uma paisagem, que apreciá-la com o nariz colado ao muro. Só a distância oferece a visão do conjunto e ressalta detalhes, harmoniza diferenças. É hora de louvar a quem merece, e neste momento o louvor é ao Desembargador *Fernando Mendes de Carvalho*, o ocupante recém-aposentado, a quem tenho a honra de suceder. O Desembargador *Fernando* sempre foi conhecido pelo cuidado com que procurava debater as causas sob sua tutela, buscando o equilíbrio necessário para evitar a visão tosca da paisagem única, buscando essa visão magnânima que somente os homens sábios sabem compreender e vivenciar. Desembargador *Fernando*, a sociedade piauiense muito deve ao senhor, e aqui enalteço a sua personalidade singular, e agradeço em nome de todos os colegas a sua vigorosa participação e contribuição a este Tribunal.

Em um país onde tão pouca atenção se dá às condições da justiça devidas à sociedade, lembro *Euclides da Cunha*, outra vez, com as suas preocupações sociais que buscam interpretações sociológicas para os grandes males. Falta, assim, dinamizar as idéias. Não basta pensar, é necessário executar os planos de melhoria de justiça e maior proximidade com os jurisdicionados. Este é outro de meus compromissos. Podem Vossas Excelências sempre contar comigo, também nesse valor e critério.

Sou juiz por convicção e vocação, e tenho tido a ventura e o privilégio de vivenciar, há quase 35 anos, uma trajetória árdua e severa no

ofício de Magistrado, sob os dons de grande formação humanística e permanente desejo de buscar uma equilibrada e balizada cultura jurídica.

Não por isso me acanho se nesta Casa adentrei pelo critério mais difícil da antiguidade, onde a premência da escolha se faz pelo exercício efetivo na Comarca, disso me orgulhando, inclusive, porque essa porta ainda mais estreita traz surpreendente liberdade de autonomia, tudo em nome da eficiência da prestação jurisdicional.

Em mim verão as marcas da autoridade que se impõe sem autoritarismo e sem perda da inalterável suavidade de gestos e da invariável modéstia de atitudes. Tudo isso convive em harmonia e se consorcia no equilíbrio natural de meu trabalho, que desvelam minha personalidade para a qual o chamado à magistratura significou o encontro, na maturidade, de uma destinação ingênita. O prazer se torna o motivo da honra e do próprio júbilo!

Parafraseando *Rui*, em sua Oração aos Moços, diria que escolhi esse caminho, ao acaso, para abrilhantar a minha trajetória, *“a mais eminente das profissões a que um homem se pode entregar neste mundo”*.

Na emoção ínsita deste singular momento, quero reservar-me, também, para reafirmar do homem simples, cordial, camarada e sensível que assinalam a minha personalidade e meu feitio. Eu me recordo perfeitamente, do dia da minha posse, como JUIZ ADJUNTO, em 18.03.1987, sob a Presidência do Des. PAULO DE TARSO MELLO E FREITAS, de saudosíssima memória. E, durante todo esse período, respondi por muitas Comarcas (Elesbão Veloso, Canto do Buriti, São Raimundo Nonato, Floriano e Teresina). Sensações ímpares em uma história singular de uma carreira que atinge agora seu apogeu.

Mas, uma nova experiência me reservou o Criador, desta feita nesta Corte de Justiça, onde iremos conviver em órgão colegiado decisivo e único, máxime de posicionar segurança jurídica para a coletividade, de cuja composição sobressaem experiência e competência, certamente até para a compreensão e paciência com o colega mais jovem.

Nos tempos modernos de audiências por videoconferências, computadores e tablets, vejo que a evolução técnica nas máquinas precisa também ser acompanhada pela mesma evolução intelectual dos homens que praticam e defendem a justiça em nosso Estado. Estejam na certeza de que estarei sempre pronto para aprender ainda mais, cotidiana e rotineiramente.

Recordo o início da carreira onde, em algumas comarcas, faltavam a máquina de escrever, e as audiências eram feitas manualmente, por vezes em esforço gigantesco das equipes de apoio, que chegavam a varar as noites para atualizarem os trabalhos e deixarem os juízes prontos para as audiências do dia seguinte. Hoje vive-se a era da informática, Processos Judiciais Eletrônicos, ferramentas que oferecem segurança e maior celeridade a todos os seus atores.

Portanto, também aqui menciono o justificado reconhecimento aos avanços da justiça, graças ao esforço e visão de gestão dos dirigentes de ontem e de hoje, sem esquecer a valiosa contribuição do Conselho Nacional de Justiça, especialmente em permitir a atualização dos parques de informática dos Tribunais, como, em passado recente, a entrega de maquinário e equipamentos outros, muitas vezes básicos, como cadeiras e mesas, o que cheguei a receber no prédio antigo do Tribunal, permitindo uma condição mínima de trabalho compatível ao compromisso e à dignidade da Justiça.

Meu propósito indelével é zelar pelo que é correto e justo, procurando garantir o diálogo aberto e irrestrito com as partes e seus Patronos, além de pugnar pelo efetivo cumprimento da justiça. Reforço que minha atuação será pautada no espírito republicano, na ética e inteligência, de modo a corresponder aos anseios da coletividade, fortalecendo o Judiciário piauiense sem qualquer limite ao esforço pessoal.

Jamais irei esquecer as minhas raízes, e aqui reitero que o grande compromisso é pela efetiva jurisdição, a rápida decisão, acessibilidade de todos à melhor Justiça, com o gabinete aberto a quem dele possa precisar. Tenham certeza de minha dedicação e capacidade jurídica, minha e de meu gabinete, agindo com integridade moral e compromisso público para a manutenção da alta produtividade do judiciário piauiense, e que seja cada vez maior e melhor.

Ingresso nessa Corte com ânimo de quem conhece a justiça há décadas, e tudo farei de meu mister para construir uma ponte segura perante a coletividade, para que seja sempre alcançado o justo, o correto, o que é devido a todos.

Nesta quadra político-social-econômica e jurídica por que passamos, assistimos a um debacle geral de todos os princípios formadores da moral e do resguardo da dignidade. O enfraquecimento dos costumes ou a distorção da própria moral avança por sobre outros conceitos importantes, e tem marcado a alma de cada um de nós com uma frustração irreversível, que faz agravar todos os prognósticos de um futuro saudável. Mas podemos mudar esse quadro perigoso, e este é meu objetivo, como colega e um dos pares de Vossas Excelências nesta Augusta Casa.

E aí não me hesito em dizer que o reduto derradeiro de todas as expectativas positivas é, felizmente, a Justiça, que impõe seja exercida por um Judiciário forte, independente e altivo, ante o qual não de curvar-se todos os arbítrios e não de prostrar-se todas as violações dos direitos – e ao lado da lei e da norma sempre estarei.

A nação tem necessidade, agora, mais que nunca, que se faça imperar a força do direito, tendo a lei como o único parâmetro e resvalado da convivência social, funcionando com a mesma imparcialidade diante do opulento e do humilde, do poderoso e do fraco, para que todos sejam submetidos ao mesmo trato e sujeitos aos mesmos critérios. Esta deve ser a tônica de todos os integrantes da Justiça, verdadeiros arautos pioneiros da nova mentalidade a ser assumida pelos últimos cidadãos desta centúria, no seu testamento cívico aos cidadãos das próximas gerações.

Volvendo o pensamento para a grande razão que ilustra esta solenidade, nesta hora ressoa no meu ouvido aquela passagem constante do opúsculo *A Constância do Sábio*, de *Sêneca* que, pela sua magnitude e lucidez, julgo oportuno destacá-la neste instante, onde diz:

“...não resta dúvida ser mais firme a força nunca derrotada do que aquela que não enfrenta obstáculo. Por isso, dúbias são as forças nunca testadas, ao passo que consistente é a firmeza que repele qualquer investida”.

Dentro do espírito de tal ensinamento, diria que percorri e enfrentei os desafios e sobressaltos que permeiam o caminho de um magistrado. E venci, humilde e garbo, todas as provas, com galhardia, segurança e firmeza, sem receios. Fui testado e aprovado, conforta-me dizê-lo, daí que me sinto plenamente habilitado para dignificar esta Casa, que significa o corolário de uma vida inteira dedicada ao direito e à judicatura.

Na sessão de acesso, na sessão de posse administrativa, e nesta posse solene, registro os meus mais contundentes AGRADECIMENTOS e minha REVERÊNCIA ao bom DEUS, que me concedeu o dom da vida e me abençoou com a convivência meio a pessoas que me permitiram oportunidades especiais, que certamente surgiram pela responsabilidade como agi em todas as missões que ousei assumir, encarando-as como desafios a serem superados e metas a serem alcançadas. Então, aqui procurarei fazer a boa justiça, a melhor justiça, nos mesmos padrões técnicos, éticos e morais de Vossas Excelências, podem ter essa certeza.

Agradeço à minha família... *“A minha família tem gosto e cheiro de casa. É um lar sempre pronto para me acolher”.* A minha família é o meu porto seguro, o que sempre me permitiram sentir, na reciprocidade da amizade, respeito, da estima, da compreensão, e agora, da gratidão aqui manifestada e reprisada a todos.

Agradeço de forma destacada a meus pais, já falecidos, mas que deixaram em mim a tenacidade e o gosto pela justiça, nunca esquecendo a ternura com a qual me acalentaram em meus tenros anos, o que se fez lembrança forte nos momentos mais difíceis de minhas lutas. Não os esqueci, e deixo de lado a dor da eterna saudade somente porque assim os sinto ainda mais próximos, e jamais deixarei de resgatar os seus nomes e memórias em minhas lembranças.

Lembranças como aquelas que trago de Santa Filomena, cidade natal e onde meu pai iniciou a sua carreira dentro do mesmo segmento onde estou, como titular de um cartório da Comarca, onde comecei a ver o

tamanho da responsabilidade e compromisso de lidar com documentos, fatos e atos jurídicos que precisam sempre ser perfeitos para se tornarem legais e legítimos.

Destaco e agradeço os profissionais que estão lotados no meu gabinete e os que farão parte do conjunto de assessores desta Casa, a partir deste momento. Igualmente agradeço o esforço já conhecido dos servidores da Casa, que no seu cotidiano têm agido como grandes colaboradores, e que, de forma sacerdotal, têm mantido este Poder com a dignidade que deve ter e merecer.

Agradeço, outra vez, de forma especial, o acompanhamento, engajamento e, principalmente, a contribuição para tudo fluir corretamente na minha posse neste Tribunal, o caríssimo Senhor Presidente, Desembargador *José Ribamar Oliveira*, na pessoa de quem renovo os agradecimentos e cumprimentos a cada um dos senhores Desembargadores e senhora Desembargadora.

Finalizando, só me resta agradecer a bondade dos senhores Desembargadores, agora meus colegas, para orgulho meu, que me recebem em meio de tão grande saber e cultura, cavalheirismo e distinção onde estou, certamente e sem falsa modéstia, o menos brilhante dos luminares.

Que Deus me ilumine, com sabedoria e prudência, nesta missão que Ele mesmo me confiou. *“Com alma alegre e radiante, devemos encerrar o dia, dizendo: vivi, cumpri meu curso vital. O amanhã é ganho, se Deus não-lo conceder”*. (Sêneca, *na Constância do Sábio*).

Não me permitirei jamais tergiversar com as atribuições do cargo que ora assumo e sirvo-me da oração de *Rui Barbosa*, uma sentinela da moral e da ética, para melhor conduzir o desfecho da oração:

"Senhor, que me infundistes o amor da beleza, da verdade e da justiça; que povoais da vossa presença as minhas horas de arrependimento, de perdão e de segurança na vossa misericórdia; que, há dezenas de anos, me descobris os erros, me reergueis dos meus desalentos, me conduzis pelo vosso caminho. Dai-me, agora mais do que nunca, o ânimo de não mentir

aos meus semelhantes, de me não corromper nos meus interesses, de não temer ameaças, de não fugir às responsabilidades”.

Em *Gonçalves Dias*, enfim, encontro a disposição para a luta incessante e o rigor para os estudos permanentes. Aqui relembro uma estrofe de seu poema mais famoso, na Canção do Tamoio:

*Não chores, meu filho:
Não chores, que a vida
É luta renhida.
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que aos fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.*

Agradeço a todos que engrandeceram o dia de hoje e esta solenidade com suas honrosas presenças, e encerro invocando, mais uma vez, a proteção do Deus Criador do Universo, para que ELE continue amparando-me nas quedas, sem desespero; guiando-me nas ascensões, sem vanglória, fazendo-me honrar o meu nome em nome dEle.

Muito obrigado!